

---

## **Espaço, rituais e morte na Alta Idade Média: o caso das necrópoles da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)**

SARA PRATA

*Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa.  
sara.m.prata@gmail.com*

---

### **Resumo**

Este artigo aborda a importância dos achados arqueológicos para o estudo das comunidades rurais alto-medievais, focando-se nos trabalhos recentemente realizados pela autora no norte da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão). Como ponto de partida serão apresentados os resultados dos trabalhos relativos à realidade funerária. A investigação realizada baseou-se essencialmente em trabalhos de prospecção e levantamento, orientados pelas referências bibliográficas de necrópoles alto-medievais identificadas neste território. Apresentam-se as opções metodológicas adoptadas, os resultados preliminares obtidos e as novas possibilidades de estudo para esta região.

### **Abstract**

This paper addresses the importance of archaeological finds in the study of early medieval rural communities, focusing on recent works carried out in Serra de São Mamede (Castelo de Vide and Marvão, Portugal). As a starting point I will present the results obtained from the analysis of the mortuary landscape. The research work was mainly based on an archaeological field survey, based on pre-existing bibliographic references for the early medieval necropolis identified in this territory. I explain my methodological choices and discuss the preliminary results, shedding some light over new study paths for this region.

## Introdução

Este artigo surge na sequência de uma apresentação realizada no *I Encontro de Jovens Investigadores em Idade Média* que se centrou no contributo da arqueologia para o estudo das populações rurais deste período histórico.

O conhecimento disponível para o intervalo de tempo que medeia a queda do Império Romano do Ocidente e a formação do Reino de Portugal é bastante limitado. Esta situação explica-se não só pela escassez de fontes escritas disponíveis para o período em questão mas também pelo ainda parco conhecimento sobre o registo arqueológico. Ainda assim, a pouca documentação escrita disponível permite-nos reconstruir os momentos históricos chave, principalmente no que diz respeito aos centros urbanos, palcos das grandes mudanças, onde habitariam as elites produtoras de documentos. Paralelamente sabe-se muito pouco sobre as populações que durante estes séculos ocuparam o espaço rural. Uma vez que estas comunidades dificilmente gerariam documentação escrita, a sua história chega até nós nos vestígios materiais da sua presença. Assim, é necessário identificar quais as marcas que estas pessoas deixaram nos campos em que viveram e a arqueologia desempenha um papel fundamental para compreender de que forma os gestos antigos estão cristalizados na paisagem actual.

Tomando como ponto de partida os trabalhos arqueológicos realizados pela autora na Serra de São Mamede, o objectivo desta apresentação, que se materializa no presente artigo, foi dar a conhecer os resultados obtidos até ao momento e apresentar novas possibilidades de estudo que se pretendem seguir.

## Enquadramento

Não é por acaso que a génese da investigação sobre os vestígios arqueológicos alto-medievais em meio rural se tenha focado nas manifestações de cariz funerário. Efectivamente, o vestígio material deste período que mais facilmente se identifica no campo são as chamadas sepulturas escavadas na rocha. Estes sepulcros surgem um pouco por toda a Península Ibérica e consistem em sepulturas escavadas directamente no afloramento rochoso, característica que lhes confere uma grande resistência temporal. Desafortunadamente, essa mesma característica leva a que estas sepulturas se encontrem maioritariamente vazias, uma vez que a sua localização em afloramentos expostos terá proporcionado ao longo dos tempos sucessivas violações. Perante a ausência de restos osteológicos e/ou materiais arqueológicos passíveis de atribuir uma datação directa para estes sepulcros, os primeiros estudos no sentido da sua compreensão e balizamento cronológico incidiram na criação de tipologias formais, com ênfase especial para a questão do antropomorfismo<sup>1</sup>.

A. del Castillo foi o primeiro autor a trabalhar esta temática na Península Ibérica, estabelecendo uma tabela crono-tipológica em que relacionava as sepulturas, e a sua evolução no sentido do antropomorfismo, com o processo da Reconquista<sup>2</sup>. Para o território Português o

---

<sup>1</sup> Como o nome indica, esta particularidade formal pressupõe que - pela definição da sepultura na zona da cabeceira, dos pés ou ambas - a forma do sepulcro acompanha os contornos do corpo humano.

<sup>2</sup> Castillo, Alberto del. 1968. Cronología de las tumbas llamadas de "Orledolanas". In *Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología*. Mérida: 835-845. Estas teorias entrariam mais tarde em contradição com ideias avançadas pelo mesmo autor, a partir da escavação das necrópoles de Revenga e Cuyacabras (Burgos, Espanha), onde referiu que os grupos de mais de uma sepultura onde se verificariam ambas as tipologias constituiriam panteões familiares (Castillo, 1972).

primeiro autor a debruçar-se verdadeiramente sobre este assunto foi M. Barroca. No trabalho que em 1987 apresenta à Faculdade de Letras do Porto<sup>3</sup> constatou que, ao contrário das necrópoles de grande dimensão espanholas trabalhadas por A. del Castillo, as sepulturas que analisou no território de Entre-Douro-e-Minho se encontravam maioritariamente isoladas, associando este facto com uma realidade de povoamento disperso.

Durante a década de 90 do século XX e na primeira década do novo milénio assistiu-se a um aumento dos estudos sobre esta temática, principalmente em contextos associados ao Norte e Centro de Portugal<sup>4</sup>. Além das intrínsecas questões funerárias que o estudo destes sepulcros levantavam, alguns destes autores começaram a servir-se destas estruturas funerárias como meio para estudar o povoamento que lhes estaria associado. Em todos os territórios analisados se liam manifestações semelhantes de um mesmo fenómeno. As sepulturas escavadas na rocha surgiam polarizadas na paisagem, ecoando o binómio sepultura isolada/povoamento disperso cunhado por M. Barroca, e sistematicamente associadas a vestígios de superfície, sugerindo um sincronismo espacial entre espaços habitacionais e espaços funerários. No entanto, como C. Tente nos adverte “Os dados de superfície, porém, têm o óbice de não permitir, na maioria das situações, atestar com alguma fiabilidade a tipologia do habitat.”<sup>5</sup>. De facto, é muitas vezes difícil determinar a que tipo de vestígio estrutural correspondem os materiais visíveis na superfície e é quase impossível relacioná-los com segurança com os sepulcros rupestres<sup>6</sup>.

Trabalhos realizados nos últimos anos na Península Ibérica, e em outras áreas da Europa Ocidental, têm demonstrado a importância do estudo de territórios específicos a partir de uma perspectiva arqueológica para compreender a dinâmica das paisagens rurais e a evolução das comunidades locais<sup>7</sup>. No entanto, cada vez mais se impõe a necessidade de apostar em análises multifacetadas que conciliem os trabalhos de prospecção com escavações arqueológicas, numa leitura integral de todos os vestígios existentes.

Como referência para a metodologia e abordagem numa área serrana há que referir o projecto realizado no Alto Mondego por C. Tente que - investindo na escavação de quatro sítios

---

<sup>3</sup> Barroca, Mário Jorge. 1987. *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

<sup>4</sup> Teixeira, Ricardo. 1996. *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Tese de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado. Marques, Jorge Adolfo. 1996. *Sepulturas escavadas na rocha da região de Viseu*. Tese de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado. Lopes, Isabel. 2002. *Contextos materiais da morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado. Vieira, Marina Afonso. 2004. Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval. *Trabalhos de Arqueologia*. 36. Lourenço, Sandra. 2007. O povoamento alto-medieval Entre-Os-Rios Dão e Alva. *Trabalhos de Arqueologia*. 47. Tente, Catarina. 2007. A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela. *Trabalhos de Arqueologia*. 47.

<sup>5</sup> Tente, 2007 p. 16

<sup>6</sup> Uma vez que a sua localização no afloramento rochoso impossibilita a leitura de relações estratigráficas.

<sup>7</sup> Hamerow, Helena. 2004. *Early medieval settlements. The archaeology of rural communities in North-West Europe 400-900*. Oxford: Oxford University Press. Lopéz Quiroga, Jorge. 2009. *Arqueología del hábitat rural en la Península Ibérica (siglos V-X)*. Madrid: La Ergastula. Vigil – Escalera Guirado, Alfonso. 2007. Granjas y aldeas altomedievales al Norte de Toledo (450-800 D.C.). *Archivo Español de Arqueología*. 80: 239-284. Quirós Castillo, Juan António. Coord. 2009. *The archaeology of early medieval villages in Europe*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

arqueológicos - permitiu caracterizar distintos espaços habitacionais dos séculos IX/X<sup>8</sup>. Além de identificar a cultura material e estratégias económicas destas populações, a autora constatou um recurso quase constante a materiais perecíveis na construção dos espaços de habitat. Estes dados, previamente constatados para habitats rurais alto-medievais<sup>9</sup>, justificam a frequente imperceptibilidade das estruturas habitacionais e vêm reforçar a importância das escavações arqueológicas para um estudo integral do povoamento desta cronologia.

### O espaço

A Serra de São Mamede constitui o principal conjunto montanhoso do Sul do território português. Localizando-se na linha de fronteira entre o Alto Alentejo e a Extremadura, a Serra de São Mamede corresponde ao extremo ocidental da cordilheira Luso-Espanhola, surgindo no prolongamento da Sierra de San Pedro. O território da Serra de São Mamede abrange áreas dos atuais concelhos de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre e Arronches. Embora o Pico de São Mamede apresente uma elevação 1025 m, predominam neste território altitudes entre os 400 e os 800 m.

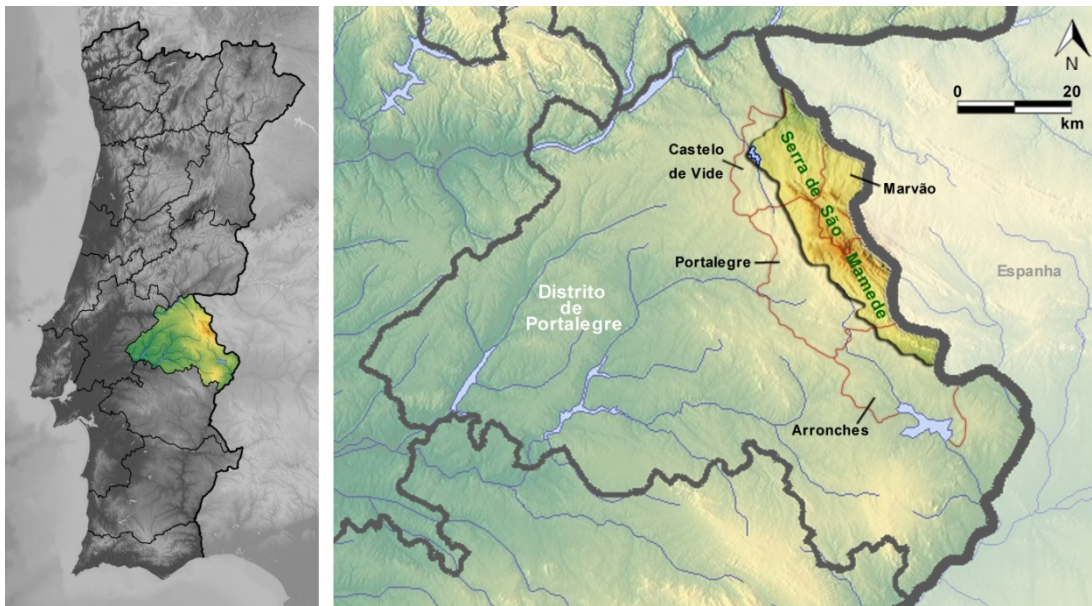


FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE PORTALEGRE NO MAPA DE PORTUGAL. SITUAÇÃO DA SERRA DE SÃO MAMEDE COM INDICAÇÃO DOS LIMITES MUNICIPAIS QUE INTEGRA.

<sup>8</sup> Tente, Catarina. 2012. Settlement and society in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) Between the 5th and the 11th centuries. *Archeologia Medievale*. 39: 385 – 398.

<sup>9</sup> Azkarate Garai-Olaun, Agustín e Quirós Castillo, Juan Antonio. 2001. Arquitetura domestica altomedieval en la Península Ibérica. Reflexiones a partir de las excavaciones arqueológicas de la Catedral de Santa María de Vitoria-Gasteiz (País Vasco). Florença: *Archeologia Medievale*. 28: 15-60.

A Serra de São Mamede apresenta uma grande variedade geológica que se pode dividir em três grandes unidades: os grauvaques e xistos a norte, os granitos na parte central e quartzitos e calcários a sul. A litologia variada deste território traduz-se em solos variados, no entanto, a maioria dos terrenos actuais apresentam escassa aptidão para práticas agrícolas. Relativamente à hidrologia, a Serra de São Mamede funciona como centro de distribuição de linhas de água, separando as bacias hidrográficas do rio Tejo e do rio Guadiana. Os principais cursos hídricos são o Rio Sever, a Ribeira de Nisa, o rio Xévora e o rio Caia, sendo que a serra é atravessada por inúmeros ribeiros subsidiários destas principais linhas de água.

A combinação de altitudes amplas, diferentes exposições climáticas e abundância hídrica proporciona uma grande variedade de habitats naturais tornando a Serra de São Mamede propícia à diversidade faunística e florística. Estes factores transformam a serra numa zona favorável à presença humana e os inúmeros vestígios arqueológicos identificados atestam uma ocupação quase contínua deste espaço, desde a pré-história até aos nossos dias.

Relativamente à ocupação da serra dentro do espectro cronológico a que nos reportamos, interessa-nos lembrar que o território em análise se inscreve dentro da área de influência da antiga cidade romana da *Ammaia*. A compreensão dos processos de transição e adaptação que os territórios periféricos e os seus habitantes enfrentaram face ao colapso das estruturas imperiais será fundamental para compreender este período histórico.

## O estado da arte

Para o território da Serra de São Mamede o primeiro autor a referir sítios arqueológicos do período medieval foi A. do Paço. Em 1949 publica um trabalho sobre o sítio do Monte Velho (Beirã, Marvão) onde durante as escavações realizadas identifica estruturas habitacionais que atribui aos séculos VI a VIII<sup>10</sup>. Os seus trabalhos de campo realizados no território do Concelho de Marvão são compilados em 1953 na publicação da primeira carta arqueológica do concelho, onde o autor inclui vários vestígios que considera como “visigóticos” e “indeterminados e medievais”<sup>11</sup>.

Um pouco mais tarde, em 1975, M. C. Rodrigues publica a *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide* onde inclui vasta informação sobre sítios que atribuiu à época medieval<sup>12</sup>. Além dos trabalhos de prospecção e levantamento inerentes à realização da carta arqueológica, a autora teve a oportunidade de realizar escavações em alguns sepulcros identificados no território de Castelo de Vide. Em 1978 publica um complemento à carta arqueológica onde apresenta um estudo morfo-tipológico do espólio cerâmico recuperado nos contextos funerários<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Paço, Afonso do. 1949. *Inscrição Cristã do Monte-Velho (Beirã – Marvão)*. Lisboa: *Brotéria*. 49.

<sup>11</sup> Paço, Afonso do. 1953. *Carta arqueológica do concelho de Marvão. Atas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o progresso das ciências – 7ª secção. Ciências históricas e filológicas* (1950). Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências: 93 – 127.

<sup>12</sup> Rodrigues, Maria Conceição Monteiro. 1975. *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

<sup>13</sup> Rodrigues, Maria Conceição Monteiro. 1978. *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.

Em 1981 J. Caeiro retoma os trabalhos arqueológicos nas sepulturas da Boa Morte (Póvoa e Meadas, Castelo de Vide). Aproveitando a descida do nível das águas da barragem, o autor concluiu o levantamento gráfico do núcleo previamente escavado por M. C. Rodrigues, realizando ainda a escavação de dois novos sepulcros e de uma estrutura habitacional que atribuiu aos séculos VI/VII<sup>14</sup>.

Para o território de Marvão, a recente publicação da *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*<sup>15</sup> dá a conhecer uma grande quantidade de sítios arqueológicos inéditos, muitos deles atribuíveis ao período medieval.

Lamentavelmente, para o território dos concelhos de Arronches e Portalegre ainda não foram realizadas cartas arqueológicas e a única informação disponível para a ocupação dos seus territórios consta de escassas referências a sítios arqueológicos não publicados, disponibilizadas no *Portal do Arqueólogo* da Direcção Geral do Património Cultural<sup>16</sup>.

Por fim, não podemos deixar de referir o projecto de A. Carneiro sobre a ocupação rural do Alto Alentejo. Neste trabalho exaustivo o autor incluiu várias referências a sítios arqueológicos alto-medievais no espaço da Serra de São Mamede, ainda que os seus objectivos estivessem direccionados para o povoamento durante a época romana<sup>17</sup>.

Os trabalhos prévios para este território mostravam a existência de vários sítios associáveis ao espectro cronológico medieval. Foi a percepção da existência destes vestígios arqueológicos que motivou o início dos nossos trabalhos na Serra de São Mamede. O trabalho de mestrado da autora foi o primeiro estudo a abordar estes vestígios como partes integrantes de uma mesma realidade arqueológica, centrando-se nas necrópoles alto-medievais localizadas na vertente norte da serra, especificamente, nos territórios dos concelhos de Castelo de Vide e Marvão<sup>18</sup>.

## Necrópoles

O objectivo do referido trabalho foi identificar e estudar as realidades funerárias associadas ao espectro cronológico alto-medieval e iniciar o longo caminho no sentido da sua compreensão. A informação disponível nas cartas arqueológicas dos concelhos de Castelo de Vide e Marvão<sup>19</sup> serviu como ponto de partida, oferecendo uma noção preliminar das realidades arqueológicas conhecidas para o território. Embora os trabalhos de prospecção tenham sido norteados pelas referências bibliográficas disponíveis, uma vez no terreno, o contacto com os habitantes locais foi essencial para detectar ocorrências arqueológicas inéditas.

---

<sup>14</sup> Caeiro, José Olívio. 1984a. *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre. Caeiro, José Olívio. 1984b. *A Necrópole II da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre.

<sup>15</sup> Oliveira, Jorge et al. 2007. *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão. Ibn Marwan: 14*.

<sup>16</sup> Disponível em <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios>

<sup>17</sup> Carneiro, André. 2011. *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Lugares, tempos e pessoas. Vetores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Tese de doutoramento, Universidade de Évora. Policopiado.

<sup>18</sup> Prata, Sara. 2012. *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

<sup>19</sup> Rodrigues, 1975 e Oliveira et al., 2007, respectivamente.

Como objecto estudo foram seleccionados dezoito sítios arqueológicos identificados como necrópoles<sup>20</sup>, constituídos por um total de duzentas e quinze sepulturas.

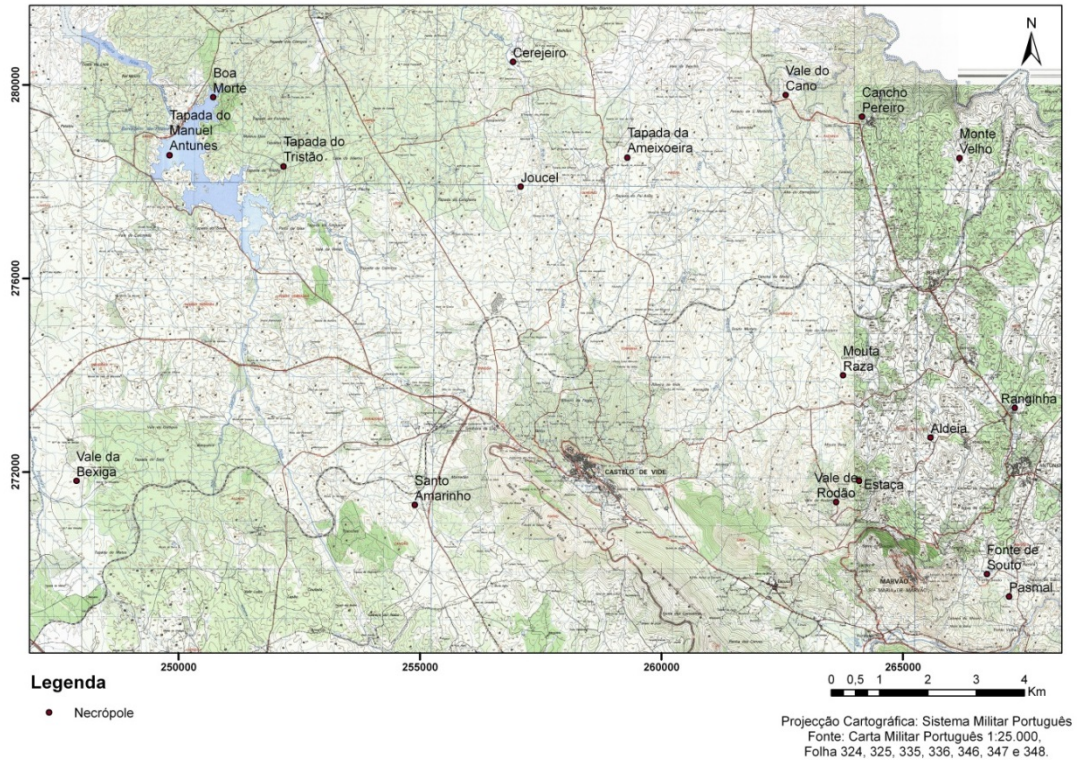


FIGURA 2: IMPLANTAÇÃO CARTOGRÁFICA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS INSERIDOS NO OBJECTO DE ESTUDO (SOBRE CARTA MILITAR DE PORTUGAL 1 : 25 000).

Cada um destes sítios foi prospectado intensivamente a fim de identificar todos os sepulcros pertencentes ao mesmo complexo funerário e outros vestígios arqueológicos eventualmente associados. Os trabalhos de prospecção foram constantemente acompanhados de registo documental. Cada sepulcro foi alvo de registo fotográfico e gráfico, mediante desenho arqueológico à escala 1:20. A sua localização específica foi georreferenciada com sistema de GPS e as suas características ressaltadas numa ficha de registo criada para o efeito. Esta metodologia permitiu garantir a salvaguarda de toda a informação obtida nos trabalhos de campo. A informação em bruto obtida nos trabalhos de prospecção foi posteriormente sistematizada permitindo uma análise rigorosa dos dados disponíveis.

Em primeiro lugar, as necrópoles inseridas no objecto de estudo foram encaradas enquanto manifestações da presença antrópica, considerando quais os aspectos da sua

<sup>20</sup> Considerando como necrópole conjuntos de sepulturas de número igual ou superior a quatro elementos, segundo os parâmetros estabelecidos por M. Barroca (1987). Importa referir que posteriormente foi publicado um trabalho por I. Martín Viso no qual o autor propõe uma nova organização para os conjuntos de sepulturas escavadas na rocha (Martín Viso, Iñaki. 2012. Enterramientos, Memoria social y paisagem en la Alta Edad Media: Propuestas para una análisis de las tumbas escavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus*. 69: 165 – 187.).

implantação geográfica e cultural, ou seja, quais os locais escolhidos para estas concentrações de sepulcros e a que outros vestígios arqueológicos surgiam associados. Assim, relativamente às características da implantação destes sítios arqueológicos na paisagem foi possível constatar que os locais escolhidos para as necrópoles apresentam uma elevação média de 400 m de altitude. Este dado é especialmente relevante se tivermos em consideração a amplitude altimétrica da Serra de São Mamede, demonstrando uma declarada tendência para a escolha de locais com baixa altitude.

Paralelamente, embora em todos os locais analisados tenham sido identificadas linhas de água, os solos apresentam fraca capacidade de uso agrícola<sup>21</sup>. Importa referir que esta associação entre sepulturas escavadas na rocha, linhas de água e terrenos de fraca capacidade agrícola foi também constatada por I. Martín Viso para a área de Riba Côa<sup>22</sup>, ainda que não sejam claras as motivações por detrás desta relação espacial.

Autores como C. Tente afirmam que a escolha de locais com pouco destaque na paisagem pode consistir numa estratégia defensiva. Um exemplo bastante claro desta possibilidade é o caso do povoado do Penedo dos Mouros no Alto Mondego<sup>23</sup>. O sítio desenvolve-se num *tor* granítico onde assentaria uma estrutura de madeira, da qual nos chega apenas os negativos para os seus entalhes e as escadas de acesso escavadas no granito. A presença de uma muralha pétreia em redor do espaço ocupado demonstra preocupações de protecção e a autora considera que a escolha para a localização do povoado, no fundo de um vale, consiste também numa estratégia defensiva. Em casos como este, a importância da escolha de locais discretos, que mais facilmente passariam despercebidos, poderia justificar uma associação forçada a solos menos produtivos. No entanto, para o nosso caso de estudo, as poucas estruturas de carácter habitacional que se conhecem para este período não apresentam estruturas defensivas (pelo menos reconhecíveis à superfície) e para já resulta impossível compreender se a escolha destes locais pouco destacados na paisagem seria propositada ou se demonstra apenas uma ausência de preocupações defensivas.

Na relação com outros vestígios antrópicos a associação mais recorrente foi precisamente com indícios de espaços de habitat, sendo que em metade dos sítios estudados foi possível identificar concentrações de cerâmica de construção à superfície e em cinco desses sítios se identificaram também derrubes de estruturas. Neste aspecto, o principal problema consiste em compreender a natureza destas associações. Em primeiro lugar porque, como referimos, é difícil determinar a que correspondem os vestígios de superfície, uma vez que consistem frequentemente em cerâmicas de construção cuja cronologia de utilização é bastante ampla. Além disso, não é claro se estamos perante os vestígios de um espaço de habitat que seria contemporâneo das sepulturas ou se estas se localizam intencionalmente perto de ruínas que lhes seriam anteriores. No caso das necrópoles do Vale da Bexiga (Castelo de Vide), Vale do

---

<sup>21</sup> Este dado foi pela primeira vez avançado por J. Oliveira na conferência "O Concelho de Marvão, antes e depois da Cidade da Ammaia" inserido na 8ª Sessão do I Ciclo de Conferências Cultura a Sul (2009 – 2010) tendo os resultados sido recentemente sistematizados numa publicação do mesmo autor (Oliveira, Jorge e Pereira, Sérgio (2011) *A pulverização da Ammaia na Alta Idade Média - Espaços e paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. História, Arqueologia e Arte*. 3: 171 – 189. <http://dspace.uevora.pt> (consulta de Janeiro de 2012).).

<sup>22</sup> Martín Viso, Iñaki. 2008. Tumbas y sociedades locales en el centro de la península en la alta edad media: el caso de la comarca de Riba Coa (Portugal). *Arqueología y Territorio Medieval*. 14: 21 – 47.

<sup>23</sup> Tente, 2012.



Cano (Castelo de Vide) e Cancho do Pereiro (Marvão), estas surgem claramente associadas a vestígios de cronologia romana<sup>24</sup>.

Mas esta situação pode ter várias explicações. Por um lado, as características que tornam um local apelativo para ser ocupado em época romana provavelmente mantêm-se nos séculos posteriores, fazendo com que o que parece ser uma associação clara a sítios romanos consista apenas na utilização de uma área que continua a ser favorável. Por outro lado, existem exemplos de espaços de habitat alto-medievais que reutilizam materiais de construção, artefactos e mesmo ruínas de edifícios romanos<sup>25</sup>, sendo que a coincidência espacial com vestígios materiais de cronologias anteriores poderá estar associada ao material de construção disponível. Do ponto de vista estritamente funerário, a associação com vestígios romanos, pode estar ligada a uma necessidade de vincular o espaço dos mortos com aqueles vestígios de um passado relativamente recente, aproveitando o simbolismo desses lugares<sup>26</sup>.

No que diz respeito à análise destes sítios arqueológicos enquanto manifestações funerárias, consideraremos os aspectos da organização do espaço fúnebre e as questões da arquitectura sepulcral. Para o espectro cronológico estabelecido foi possível identificar três formas distintas de construir sepulturas: as sepulturas escavadas na rocha, as sepulturas de lajes e os sarcófagos. Dos sepulcros analisados as sepulturas escavadas na rocha são as mais representativas, seguidas das de lajes e por fim dos sarcófagos.



FIGURA 3: SEPULTURA ESCAVADA NA ROCHA E SEPULTURA DE LAJES (PÓVOA E MEADAS, CASTELO DE VIDE) E SARCÓFAGO REUTILIZADO COMO PIA DE FONTE (CEREJEIRO, CASTELO DE VIDE).

---

<sup>24</sup> Prata, 2012.

<sup>25</sup> Veja-se o exemplo do sector II do sítio do Monte Aljão, onde foram identificados elementos arquitectónicos romanos reutilizados nas estruturas alto-medievais (Tente, 2011 p.53 – 114).

<sup>26</sup> Martín Viso, 2008 p.26.

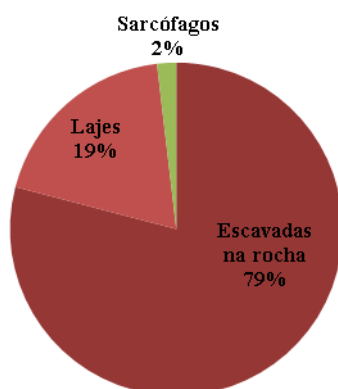


FIGURA 4: GRÁFICO COM A PERCENTAGEM DE TIPOLOGIA GERAL DE SEPULTURAS IDENTIFICADAS NAS NECRÓPOLES DO NORTE DA SERRA DE SÃO MAMEDE.

No entanto, estas são apenas as percentagens do nosso objecto de estudo, estes são os dados que temos presentes actualmente e por isso estas proporções devem ser lidas com cautela. É natural que as sepulturas escavadas na rocha sejam as mais representativas, uma vez que os sarcófagos constituem peças móveis e as sepulturas de lajes são mais facilmente destruídas por práticas agrícolas mecanizadas<sup>27</sup>.

Ainda assim, foi possível constatar que as diferentes formas de construir sepulturas estavam associadas a formas distintas de organizar o espaço funerário. Por um lado, os sepulcros dos conjuntos rupestres raramente se encontram em conexão espacial directa, apresentando-se disseminados pelos espaços que ocupam. Apresentam uma variedade formal muito acentuada sendo que em cerca de 2/3 das sepulturas escavadas na rocha estudadas foi possível identificar formas antropomórficas com tipologias muitíssimo variadas. No entanto, esta particularidade formal a que tanta relevância se atribui não é exclusiva das sepulturas escavadas na rocha, conhecendo-se para outras áreas de estudo casos de sepulturas de lajes, e inclusivamente escavadas no solo<sup>28</sup> que apresentam essa necessidade de delimitar os contornos do defunto. Autores como José Matoso associam esta tendência formal com uma necessidade de imobilização do cadáver, relacionada com a crença no Juízo Final<sup>29</sup>.

Por outro lado, as sepulturas de lajes surgem sistematicamente orientadas a nascente e organizadas sempre num espaço bem definido. As formas construídas são simples, alternando entre o rectangular e o trapezoidal e ligeiras variações dentro destas. Como referimos, estes

<sup>27</sup> Os dois sarcófagos do sítio do Cerejeiro (Castelo de Vide) estão deslocados da sua posição original, um reaproveitado como comedouro para gado e outro como pia de fonte (Prata 2012, p. 50- 57). Também nesta necrópole estavam documentadas duas sepulturas de lajes (Rodrigues, 1975) actualmente destruídas.

<sup>28</sup> São conhecidos ambos os casos nas necrópoles do Douro Superior (Lopes, 2002).

<sup>29</sup> Matoso, José. 1997. Pressupostos mentais do culto dos mortos. *Arqueologia Medieval*. 5: 5-11.

sepulcros foram escavadas por M. C. Rodrigues<sup>30</sup> e mais tarde por J. Caeiro<sup>31</sup>. Ainda que a acidez dos solos graníticos desta região não tenha possibilitado a conservação de material osteológico, as escavações permitiram recuperar algum espólio funerário. Foram identificados contentores cerâmicos, localizados na cabeceira do sepulcro, em dezassete das quarenta e uma sepulturas de lajes.



FIGURA 5: ESPÓLIO RECUPERADO NAS ESCAVAÇÕES DE M. C. RODRIGUES NAS SEPULTURAS DE LAJES IDENTIFICADAS NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE.

Na necrópole da Boa Morte (Castelo de Vide) identificaram-se também objectos metálicos cujo paradeiro actual infelizmente se desconhece, sendo a única informação disponível as fotografias e desenhos publicadas por M. C. Rodrigues na carta arqueológica de 1975<sup>32</sup>.

A análise macroscópica do espólio cerâmico mostrou que estamos perante produções que recorreram a argilas locais. As pastas são essencialmente mal depuradas com muita quantidade de elementos não plásticos de grande dimensão (>5 mm) apresentando cozeduras pouco homogéneas. As formas presentes consistem em jarros e potes/panelas que apresentam intensas marcas de desgaste na base e frequentes marcas de fogo, demonstrando indícios de utilização ao lume. Estes dados são especialmente relevantes por demonstrarem que estas peças cerâmicas não são produzidas como espólio funerário, são peças de uso quotidiano que após uma longa vida de utilização são depositadas nas sepulturas.

O espólio cerâmico funcionou como elemento datante facilitando a tarefa no que diz respeito à atribuição de cronologias para as sepulturas de lajes. Estes materiais encontram

<sup>30</sup> Rodrigues, 1975 e 1978.

<sup>31</sup> Caeiro, 1985.

<sup>32</sup> A autora refere que nesta necrópole se identificaram uma espada/punhal, três fivelas, uma fíbula e um anel de sinete embora não seja claro se estes materiais provêm todos da mesma sepultura.

paralelos formais nas necrópoles escavadas na zona de Granada que os colocam entre os séculos VI e VII<sup>33</sup>.

### Resultados e problemáticas

Foi possível compreender que para o espectro cronológico definido na área geográfica analisada existiam vários modelos de implantação na paisagem, distintas maneiras de organizar o espaço funerário e que conviviam diferentes formas de construir sepulturas. No entanto, não foi ainda possível entender de que forma estes factores se condicionam entre si. Embora seja claro que existem algumas recorrências no que diz respeito aos locais escolhidos para a implantação das necrópoles, não foi possível perceber se estas escolhas eram feitas perante condicionalismos funerários, ocupacionais ou ambas.

Por outro lado, constatámos que distintas formas de organizar o espaço funerário poderiam estar relacionadas com as diferentes formas de construir sepulturas. Se as sepulturas de lajes estão sistematicamente orientadas e se concentram em áreas definidas, as sepulturas escavadas na rocha apresentam uma tendência para a dispersão na paisagem. Segundo uma hipótese explicativa de I. Martín Viso estes sepulcros poderiam constituir marcadores de um espaço produtivo, que vinculariam os utilizadores da terra com os seus antepassados, sepultados no local<sup>34</sup>. Esta teoria confere às sepulturas um carácter quase funcional, tornando-as num mecanismo que permitiria assegurar a posse da propriedade numa sociedade que não utilizava o documento escrito e explica o porquê de sepulcros aparentemente isolados no campo.

Por outro lado, as sepulturas de lajes surgem organizadas num espaço funerário claramente definido. A sistemática orientação a nascente juntamente com a presença do referido espólio funerário fala-nos de um momento em que o culto dos mortos passava por uma transição entre os novos rituais e os costumes antigos.

Relativamente ao balizamento cronológico, o espólio identificado nas sepulturas de lajes permite aferir uma cronologia directa para, pelo menos, o último momento da sua utilização. Como referimos, os materiais identificados colocam estes sepulcros entre os séculos VI/VII. No entanto, esta cronologia não pode ser generalizada a todas as necrópoles estudadas.

Perante a ausência de espólio funerário não é possível aferir uma cronologia directa para as sepulturas escavadas na rocha. No caso das necrópoles estudadas no norte da Serra de São Mamede, a atribuição de crono-tipologias não parece verosímil uma vez que em todos os sítios arqueológicos estudados foi possível observar a convivência de formas com e sem características antropomórficas, em muitos casos, claramente contemporâneas. Consequentemente, a única alternativa é recorrer a paralelos arqueológicos para este fenómeno, procurando sítios onde efectivamente se detectaram sepulturas escavadas na rocha com espólio osteológico datável no seu interior. As datações por radiocarbono mais recuadas têm apontado para os séculos VI/VII<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Este mesmo autor associa a presença destas peças com o simbolismo dos jarros litúrgicos ou mesmo com um ritual de baptismo *post mortem*. Román Punzón, Júlio. 2004. *El mundo funerario rural en la provincia de Granada durante la antigüedad tardía*. Granada: Universidad de Granada.

<sup>34</sup> Martín Viso, Iñaki. 2012. Enterramientos, Memoria social y paisagem en la Alta Edad Media: Propuestas para una análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus*. 69: 165 – 187.

<sup>35</sup> Foram datadas sepulturas por radiocarbono, na zona do Baixo Aragão, utilizadas entre finais do século VI ao século início do século VII (Laliena Corbera *et al.*, 2007).

sendo que as mais recentes chegaram a ir até ao século XV, para sepulcros reutilizados no âmbito de cemitérios paroquiais<sup>36</sup>. Para as sepulturas implantadas de forma dispersa em meio rural, ou seja, não associadas a edifícios religiosos, tem-se relacionado o abandono progressivo da sua utilização com a expansão da rede paroquial medieval (séculos XI/XII), momento em que as inumações se centram tendencialmente em cemitérios anexos a igrejas<sup>37</sup>.

Efectivamente, este é um limite cronológico demasiado abrangente. É difícil especular como as comunidades rurais perpetuariam a sua existência, e o culto dos seus mortos, a partir do século VIII. O desconhecimento de vestígios arqueológicos que permitam compreender as características da ocupação islâmica neste território, e de que forma esta terá, ou não, afectado a vivência das comunidades rurais faz com que seja muito complicado apontar uma data segura para o abandono da utilização destas necrópoles.

No entanto, em todos os sítios onde foram identificadas sepulturas de lajes foram também identificadas sepulturas escavadas na rocha, embora não fosse evidente qual a relação entre ambas. Pela datação que o espólio funerário atribuiu às sepulturas de lajes e pelas datações que os paralelos arqueológicos permitem extrapolar para os sepulcros rupestres, não é impossível que a sua utilização seja contemporânea. Na verdade, a utilização destes dois tipos de sepulturas está documentada em algumas necrópoles presumivelmente mais tardias<sup>38</sup>. No entanto, além dos pressupostos espaciais e rituais aparentemente distintos que implicam, em nenhum dos casos analisados estas duas formas de sepulturas apresentam uma relação espacial directa que nos permita falar com segurança de contemporaneidade. É possível que esta aparente convivência de diferentes formas de construir sepulturas represente antes uma diacronia na utilização de um mesmo espaço funerário.

A localização individual das sepulturas e a presença ou ausência de relação entre elementos pode estar relacionada com pressupostos funerários. Ainda assim, é também possível que as leis mudas que regem a implantação dos sepulcros se relacionem com motivações de carácter ocupacional.

Mais do que conseguir respostas este trabalho levantou inúmeras questões e após esgotar os dados disponíveis para os contextos funerários percebemos que os problemas do mundo dos mortos terão que encontrar soluções do mundo dos vivos.

## O povoamento

Ainda que na Serra de São Mamede o vestígio arqueológico mais abundante para a época medieval sejam os vestígios funerários são conhecidas algumas referências de estruturas habitacionais contemporâneas<sup>39</sup>. Infelizmente, os dados disponíveis sobre os espaços de habitat deste período correspondem a vestígios de superfície, obtidos em trabalhos de prospecção, e nos resultados das escavações arqueológicas que referimos. Em nenhum caso foi possível estabelecer de forma segura qual a relação entre o espaço habitacional e o espaço funerário,

---

<sup>36</sup> Como é exemplo a necrópole de São Pedro de Marialva (Mêda) (Cunha, Umbelino e Tavares, 2001).

<sup>37</sup> Tente, 2011, p. 416.

<sup>38</sup> Como exemplo das várias tipologias de sepulturas medievais coexistindo num mesmo espaço, ver o caso da Necrópole de São Pedro de Numão (Numão) (Lopes, 2002 p. 269-287).

<sup>39</sup> Paço, 1949, Caeiro, 1981, Oliveira *et al.*, 2007 e Carneiro, 2011.

algo fundamental para compreender as dinâmicas do povoamento desta época. O projecto que aqui se apresenta para a Serra de São Mamede tem como objectivo caracterizar a ocupação humana do seu espaço rural entre os séculos V e XII<sup>40</sup>. Partindo de uma perspectiva arqueológica, que possibilite o conhecimento dos vestígios materiais das comunidades rurais medievais na Serra de São Mamede, pretende-se aceder aos comportamentos sociais, económicos e ideológicos destes grupos humanos<sup>41</sup>.

## Metodologia

Os trabalhos deverão começar pela pesquisa documental, bibliográfica, cartográfica e toponímica. É reconhecido que a população rural peninsular raramente produz documentos, principalmente em cronologias tão recuadas, no entanto, haverá o cuidado de consultar documentação hispano-muçulmana, com destaque para a crónica de al-Râzi pelas suas menções à *Amaia de Ibn Maruán*<sup>42</sup>. Consultar-se-ão também os primeiros documentos cristãos disponíveis para este território<sup>43</sup>. A pesquisa documental deverá também ultrapassar o marco geográfico e cronológico do projecto, uma vez que para áreas contíguas poderão existir documentos - mesmo que posteriores ao século XII - relevantes para a identificação de limites territoriais pré-existentes. Considerar-se-ão os tomos de mosteiros localizados neste território, e documentação disponível sobre doações e interesses do bispado de Évora e sobre a evolução do termo de Castelo Branco. Serão também analisados os tomos da Ordem de Alcântara, da Ordem de São João de Jerusalém e da Ordem de Cristo, pelas suas comendas em Valência de Alcântara, Crato e Nisa, respectivamente.

A pesquisa cartográfica e toponímica incidirá sobre as cartas militares e cartas de registo predial disponíveis para o território da Serra de São Mamede e será também feita recolha de informação oral junto da população local<sup>44</sup>.

Os dados obtidos no levantamento de referências documentais, bibliográficas e toponímicas, bem como o conhecimento prévio deste território, serão fundamentais para nortear os trabalhos de prospecção que serão organizados em duas vertentes. A prospecção arqueológica extensiva orientada incidirá sobre todo o território, paralelamente, a prospecção arqueológica sistemática intensiva será realizada em áreas definidas por uma maior concentração de vestígios arqueológicos.

A gestão dos dados obtidos nos trabalhos de campo será feita através de Sistemas de Informação Geográfica. Os trabalhos com SIG servirão como ferramenta para desenhar uma

---

<sup>40</sup>A necessidade de partir de um pressuposto de longa diacronia prende-se com a identificação de possíveis alterações nas estratégias de povoamento e a sua compreensão à luz de acontecimentos históricos-chave.

<sup>41</sup> Os novos caminhos de estudo que aqui se apresentam constituem o ponto de partida do projecto de doutoramento da autora.

<sup>42</sup> Sidarus, Adel. 1991. *Amaia de Ibn Maruán*. *Ibn Maruan*. 1: 13-24.

<sup>43</sup> A documentação disponível para este território está a ser tratada por Ana Santos Leitão num projecto de doutoramento intitulado "Povoamento e Fronteira na Serra de S. Mamede da Idade Média à Idade Moderna (Sécs. XII-XVI)".

<sup>44</sup> Estes contactos provaram-se muito úteis nos trabalhos anteriores, principalmente na identificação de microtopónimos, muitas vezes omissos na cartografia, que podem ser pistas preciosas na identificação de vestígios arqueológicos.

estratégia eficaz para as prospecções e estudo territorial, permitindo analisar a distribuição dos sítios arqueológicos no território e compreender aspectos fundamentais da sua ocupação durante este período.

No entanto, para conseguir caracterizar os espaços de habitat será necessário a realização de escavações arqueológicas. Pretende-se no âmbito do presente projecto conseguir realizar a escavação de pelo menos três sítios arqueológicos que apresentem indícios de áreas habitacionais. Os sítios a intervencionar serão seleccionados de acordo com o seu potencial para fornecer dados viáveis e com as características que apresentem do ponto de vista funerário. Esta medida prende-se com a necessidade de aferir cronologias para os diferentes tipos de necrópoles previamente identificadas.

Os métodos de escavação serão adaptados às especificidades de cada sítio, no entanto, prevê-se a aplicação de uma dupla estratégia. Com o intuito de detectar os limites do espaço ocupado e a identificação de áreas com maior densidade ocupacional serão realizadas sondagens em pontos estratégicos dos sítios arqueológicos seleccionados. Mediante os resultados obtidos nestas sondagens de diagnóstico inicial serão seleccionadas zonas de especial relevância para assegurar uma melhor caracterização estratigráfica, cronológica, estrutural, funcional e material. Pretende-se assim não só compreender a organização interna dos povoados como caracterizar a relação entre as estruturas habitacionais, os espaços funerários e as áreas produtivas.

Será também essencial conhecer a cultura material deste mundo rural. O estudo do espólio cerâmico recuperado nas escavações procurará identificar eventuais centros produtores e redes de circulação de matérias-primas e produtos acabados, bem como a obtenção de cronologias e funcionalidades para os contextos identificados.

### **Considerações finais**

A informação que temos disponível para a ocupação humana da Serra de São Mamede depois da queda do Império Romano e antes da formação do Reino de Portugal é ainda bastante escassa. A documentação disponível para este território é já bastante tardia mas esta situação vê-se contrabalançada para um abundante registo arqueológico.

Efectivamente, os dados arqueológicos conhecidos permitem-nos traçar um primeiro esboço do espaço rural medieval. Mas como tivemos oportunidade de demonstrar ao longo deste artigo, os vestígios materiais conhecidos apresentam várias dificuldades de leitura. Se os trabalhos realizados até ao momento permitiram analisar dezoito espaços funerários associados ao período alto-medieval, a maioria destes sítios arqueológicos são muito difíceis de datar rigorosamente, devido à inexistência de dados arqueológicos legíveis. Embora o estudo destas necrópoles tenha fornecido preciosos dados sobre a organização dos espaços funerários e as características da sua implantação na paisagem, não foi possível determinar quais as motivações que estão por trás destas escolhas.

Espera-se que com a aplicação de uma nova metodologia de investigação, inédita neste território, obter uma leitura integral do registo arqueológico disponível e encontrar respostas às nossas questões mencionadas.

Pretende-se inserir este projecto nas linhas de investigação mais recentes que procuram compreender o processo de transição da antiguidade para a medievalidade na Europa Ocidental.

Por fim, importa referir que ainda que embora o projecto apresentando incida sobre um território específico, os seus objectivos deverão ser lidos a uma escala muito mais abrangente na qual o estudo da ocupação da Serra de São Mamede funciona como um caso estudo.



## Bibliografia

- Alarcão, Jorge. 1998. A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. Coimbra: *Conimbriga*. 37: 89-119.
- Azkarate Garai-Olaun, Agustín e Quirós Castillo, Juan Antonio. 2001. Arquitetura domestica altomedieval en la Península Ibérica. Reflexiones a partir de las excavaciones arqueológicas de la Catedral de Santa María de Vitoria- Gasteiz (País Vasco). Florença: *Archaeologia Medievale*. 28: 15-60.
- Castillo, Alberto del. 1968. Cronología de las tumbas llamadas de "Orledolanas". In *Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología*. Mérida: 835-845.
- Castillo, Alberto del. 1972. *Excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logroño y Burgos*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- Barroca, Mário Jorge. 1987. *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- Caeiro, José Olívio. 1984a. *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre.
- Caeiro, José Olívio. 1984b. *A Necrópole II da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre.
- Carneiro, André. 2011. *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Lugares, tempos e pessoas. Vetores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Tese de doutoramento, Universidade de Évora. Policopiado.
- Hamerow, Helena. 2004. *Early medieval settlements. The archaeology of rural communities in North-West Europe 400-900*. Oxford: Oxford University Press.
- Laliena Corbera, Carlos et al. 2007. Los problemas de escala y la escala de los problemas: algunas reflexiones sobre el poblamiento altomedieval en Bajo Aragón. In *Villes et campagnes de Tarraconaise et d'Al-Andalus (VIÉ- XIÉ siècle: la transition)*. CNRS: 249-262.
- Lopes, Isabel. 2002. Contextos materiais da morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado.
- Lopéz Quiroga, Jorge. 2009. *Arqueología del hábitat rural en la Península Ibérica (siglos V-X)*. Madrid: La Ergastula.
- Lourenço, Sandra. 2007. O povoamento alto-medieval Entre-Os-Rios Dão e Alva. *Trabalhos de Arqueologia*. 47.
- Marques, Jorge Adolfo. 1996. *Sepulturas escavadas na rocha da região de Viseu*. Tese de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado.
- Martín Viso, Iñaki. 2012. Enterramientos, Memoria social y paisagem en la Alta Edad Media: Propuestas para una análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus*. 69: 165 – 187.
- Martín Viso, Iñaki. 2008. Tumbas y sociedades locales en el centro de la península en la alta edad media: el caso de la comarca de Ribas de Coa (Portugal). *Arqueología y Territorio Medieval*. 14: 21 – 47.

- Mattoso, José. 1997. Pressupostos mentais do culto dos mortos. *Arqueologia Medieval*. 5: 5-11.
- Oliveira, Jorge *et al.* 2007. Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão. *Ibn Maruan*: 14.
- Oliveira, Jorge e Pereira, Sérgio (2011) A pulverização da Ammaia na Alta Idade Média - Espaços e paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. *História, Arqueologia e Arte*. 3: 171 – 189. <http://dspace.uevora.pt> (consulta de Janeiro de 2012).
- Paço, Afonso do. 1949. Inscrição Cristã do Monte-Velho (Beirã –Marvão). Lisboa: *Brotéria*. 49.
- Paço, Afonso do. 1953. Carta arqueológica do concelho de Marvão. *Atas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o progresso das ciências – 7ª secção. Ciências históricas e filológicas (1950)*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.93 – 127.
- Prata, Sara. 2012. *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- Quirós Castillo, Juan António. Coord. 2009. *The archaeology of early medieval villages in Europe*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- Rodrigues, Maria Conceição Monteiro.1975. *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- Rodrigues, Maria Conceição Monteiro. 1978. *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- Román Punzón, Júlio. 2004. *El mundo funerario rural en la provincia de Granada durante la antigüedad tardía*. Granada: Universidad de Granada.
- Sidarus, Adel. 1991. Amaia de Ibn Maruán. *Ibn Maruan*. 1: 13-24.
- Teixeira, Ricardo. 1996. *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Tese de mestrado, Universidade do Porto. Policopiado.
- Tente, Catarina. 2011. *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego, Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- Tente, Catarina. 2012. Settlement and society in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) Between the 5th and the 11th centuries. *Archeologia Medievale*. 39:385 – 398.
- Tente, Catarina. 2007. A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela. *Trabalhos de Arqueologia*. 47.
- Vieira, Marina Afonso. 2004. Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval. *Trabalhos de Arqueologia*. 36.
- Vigil – Escalera Guirado, Alfonso. 2007. Granjas y aldeas altomedievales al Norte de Toledo (450-800 D.C.). *Archivo Español de Arqueología*. 80: 239-284.